



## Centros de ensino; violência ou repressom

Documento exposto no II Foro da Rebeliom (22 de Dezembro de 2006. CS Revira. Ponte Vedra)

Rute Cortiço (militante de AGIR)

*“O conceito da evoluçom como um resultado das luitas de classe mostrou-nos, de facto, que a educaçom é o procedimento mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condiçoms fundamentais da sua própria existênciã. Pedir-lhe ao Estado que se desprenda da Escola é como pedir-lhe que se desprenda do Exército, a Polícia ou a Justiça.”*

*Anibal Ponce*

## ÍNDICE

### 1. De repente o assédio escolar.

- 1.a A criaçom de um problema
- 1.b Motivaçoms para a criaçom do problema
- 1.c Resultados da criaçom do problema: criminalizaçom do estudantado

### 2. O verdadeiro bullying

- 2.a Definiçom de bullying
- 2.b Violência machista nas aulas
- 2.c Racismo nas aulas
- 2.d Homofobia nas aulas

### 3. A educaçom: ferramenta de reproduçom ideológica da classe dominante



## 1. De repente o assédio escolar

### 1.a A criação de um problema.

Qualquer pessoa que souber somar dois mais dois ou simplesmente tomar a moléstia de consultar umha heme-roteca observará que o problema da violência nas aulas nasce recentemente.

Nos últimos meses, assistimos atónitas a umha torrente de declarações e iniciativas do governo espanhol e de várias Comunidades Autónomas, a respeito do chamado problema do **assédio escolar** que passou de ser tratado como um problema secundário ou marginado dentro das notícias sensacionalistas e dramáticas a constituir um dos grandes temas a debate dos meios de comunicação.

“El País” abria a sua edição do domingo 12 de Novembro deste ano com um relato dramático sobre umha rapariga que tinha sido golpeada e maltratada à saída da escola. Poucos dias depois assistimos na televisão à cobertura informativa sobre mobilizações de vários milhares de professores dos Países Catalães e a Estremadura espanhola. Em este mesmo mês a apresentadora do telejornal da Antena 3 recorria ao argumento de um presumível **jornalismo transparente**: “Algo debemos estar haciendo mal cuando en menos de 24 horas tenemos que informar de otra concentración de profesores en protesta por el acoso escolar”. Curioso. Agora resulta, segundo as palavras de esta jornalista, que os meios sempre informam de todos os problemas sociais e que só é preciso acudir a umha concentração ou mobilização para receber cobertura informativa.

A aliança das autoridades e meios de comunicação (que tam bem funciona sempre) cria o fenómeno em pouco tempo, em todos os telejornais começam a passar notícias sobre o tema e há espaço para que deixem evidência da gravidade do problema pais, professores, psicólogos, jornalistas...

As estatísticas sobre assédio escolar como podemos ver (reparto de estatísticas) som contraditórias e confusas, dependendo estas de onde fixarmos os limites semânticos do termo assédio, mas em qualquer caso continua a ser surpreendente a repercussão mediática que este problema social gerou nos meios, deslocando outros de maior importância ou, inclusivamente, evitando a conexão com outros tipos de assédio de trágica actualidade.

De facto, conforme palavras textuais do relatório do *Defensor del Pueblo* sobre violência escolar (pág.308) “comparada com a de outros países, a incidência de casos dos distintos tipos de maltrato é relativamente baixa.” Além de que também temos que ter em conta que nos relatórios deste tipo se consideram agressões coisas como pôr alcunhas pejorativas, falar mal de alguém, esconder as coisas dos teus colegas de aulas, ignorar um/umha colega... Também é destacável o facto de que as agressões sexuais na escola cerca de 2% nom som capa de nenhum jornal.

#### Trecho do informe do Defensor del Pueblo sobre violência escolar:

“En primer lugar, comparada con la de otros países, la incidencia de casos de los distintos tipos de maltrato es relativamente baja. Las agresiones verbales por parte de otros compañeros, que aparecen como la modalidad de abusos entre iguales más frecuente entre los escolares españoles de educación secundaria afectan a un tercio de los tres mil alumnos estudiados. El porcentaje disminuye hasta un quinto si se trata de otro tipo de agresiones dirigidas a sus propiedades, en concreto que otros les escondan sus cosas, y es aún menor, entre el catorce y el nueve por ciento, cuando afirman ser objeto de exclusión social, en particular que sus compañeros les ignoren o no les dejen participar en actividades diversas. Las agresiones más graves aparecen con una frecuencia aún menor, que en el caso del chantaje y las amenazas con armas es inferior al uno por ciento de la población. El acoso sexual, aunque superior, no llega al dos por ciento. Las agresiones físicas a la persona o a sus propiedades rondan el cinco por ciento y las amenazas sólo para meter miedo son sufridas por algo más del ocho por ciento de los escolares de secundaria.”

Esta campanha de criminalização do estudantado lembra preocupantemente umha outra campanha de criminalização levada a cabo também polos meios de comunicação recentemente, a campanha de criminalização da mocidade com a escusa da ingestão de álcool e drogas no conhecido “botelhom”...



## 1.b Motivações para a criação do problema.

O que leva os meios a focalizar a sua atenção informativa no assédio escolar? Algumas hipóteses.

Primeiro, é inevitável destacar o quadro **sensacionalista e dramático** que propiciam este tipo de notícias tirando um alto rendimento mediático. A violência escolar, como vemos nos meios de comunicação, apela a padrões informativos e jornalísticos que obtêm uma **rentabilidade mediática** estupenda: os vídeos das agressões, as fotografias dos maus tratos, os relatos dramáticos do processo; enfim, o assédio escolar tem umhas características que encaixam muito bem dentro dos conteúdos mediáticos mais sensacionalistas da franja informativa. Não se produziria, pois, um interesse social tão elevado como o que o meio obtém se não fosse pelas histórias pessoais de grande impacto emocional que se lançam atropeladamente à audiência.

Segundo, a segunda motivação para a criação do problema é que o debate sobre os efeitos dos **recortes sociais** sobre a qualidade da educação está sendo ignorado no debate público devido a que toda a atenção está posta nos sintomas e não nas causas. O professorado e os políticos são os que estão a receber a maior cobertura informativa, pelo qual o debate sobre o problema do assédio escolar está-se dirigindo para as agressões, a falta de disciplina e a baixa qualidade educativa do sistema público... Poucos meios, ou nenhum, sugeriu que o problema do assédio escolar tem também uma origem familiar e social, e que certos bairros e núcleos urbanos sofrem desde há tempo uma desestruturação social tão grave e aguda que, evidentemente, a violência destas zonas transladará-se inevitavelmente aos centros escolares.

Por que esquecemos tão rápido os frios números do fracasso escolar no Estado e no País? Perto de 25% dos alunos do Estado não acaba a ESO, e um de cada três repetem algum curso. Também, os dados rotundos do último *Informe Pisa* não deixavam dúvida sobre que o sistema educativo básico no Estado estava no final dos países desenvolvidos, muito por trás dos países do este. E embora estes dados sejam catastróficos ainda não se tomam medidas com o fim de procurar uma solução ao alarmante número de estudantes que não possuem o título da Educação Secundária Obrigatória. Evidentemente, este debate passa por expor a necessidade de incrementar as despesas em educação e não parece que a orientação do debate ao redor do assédio escolar vá permitir que se produza, já que no único que parece que vão incrementar as despesas é em polícia e controlo nas escolas.

Não devemos esquecer que do mesmo jeito que nenhuma reforma pedagógica fundamental pode impor-se com anterioridade ao triunfo da classe revolucionária que a reclama, uma reforma educativa em que se aumente o autoritarismo nas aulas não vai acabar com comportamentos violentos entre os escolares já que este é um problema mais de fundo.

Terceiro, **Aumento da autoridade do professorado**. Depois de ter explicado todo o anterior é evidente que os meios conseguiram que a voz da opinião pública pida urgentemente um aumento radical da disciplina por parte do professorado. Professorado que não há muitos anos já comungava com o dito "a letra com sangue entra". Com certeza conseguiu-se que a partir de agora os abusos de autoridade por parte do corpo de docentes sejam apoiados tanto por pais como pela direção do centro.

Quarto, **Controlo policial nas escolas**. Já o ministro espanhol de Interior, José Antonio Alonso, comunicou em que vai consistir o plano do seu gabinete a respeito da dispersão de até mais de 3000 polícias e guardas civis no contorno dos centros escolares para efectuar hipotéticas tarefas preventivas sobre o início no consumo de drogas por parte da mocidade.

Desde AGIR declaramos que achamos nefasto recorrer às forças repressivas espanholas para exercer uma vigilância fora de lugar, já que o alarme que a justifica é radicalmente inapreciável para nós.

É evidente também que este plano, não está isento de ligações com a actual orientação fascistoide com que a social-democracia espanhola está a criminalizar a mocidade de este País.

Quinto, **Criminalização do ensino público**. Estas notícias têm uns efeitos nocivos a longo prazo, efeitos que têm a ver com a imagem do ensino público. O tratamento que recebe este tema, o do assédio escolar, avança e fortalece-se, transmitindo às audiências a terrível mensagem de a violência escolar ser quase omnipresente em



cada um dos centros de ensino público de Estado. Deste jeito, os gestores do ensino privado já se estão a parabenizar polo efeito colateral benéfico que lhes proporciona este último teatro mediático. Mas independentemente da vontade de acreditarmos na falta de segurança à qual se vem submetidas as crianças nos centros públicos vamos ver o que dizem os inquéritos estatais:

Estrato do informe do *Defensor del Pueblo* sobre violência escolar:

“La diferencia entre titularidad pública y privada se manifiesta de un modo estadísticamente significativo en muy pocos casos, que se reducen a que en los centros privados hay mayor número de sujetos que dicen sufrir la maledicencia de otros, y también mayor número de sujetos que admiten hablar mal de sus compañeros, ponerles motes e ignorar a otros.”

Oh, surpresa! Resulta que inclusive as estatísticas oficiais admitem que o assédio escolar é ligeiramente maior nos centros privados, e como lhe escapa isto aos meios?

Parece que as medidas das políticas estatais e das comunidades autónomas passam por ceder solo gratuitamente a centros privados, e continuar a favorecer a expansom do ensino concertado. Ninguém fala de melhorar ou de investir mais recursos na educação pública, mas sim de proporcionar os meios e as condições para que os que quixerem umha educação de qualidade e em que as crianças nom sejam agredidas, tenham que pagar.

## 1.c Resultados da criação do problema: criminalização do estudantado.

**Criminalização do estudantado.** Estas medidas além de criminalizar como se explicou no apartado anterior ao ensino público criminaliza também o estudantado. Este sector da sociedade é por natureza e em geral suspeito, quer dizer, que devido à relação proporcional que se estabelece entre umha pessoa jovem e a sua tendência à rebeliom, esta é suspeitosa por defeito. Temos a sensação de que ser jovem ou ser estudante de por si é um delito. Mas vamos um bocado mais longe e vamos lançar umha última hipótese: nom será que com todo este controlo policial e aumento da disciplina nos centros o que trata é de controlar e reprimir os movimentos estudantis? Nom podemos esquecer o molesto que resulta para o poder estabelecido a força, vitalidade e facilidade de expansom destes movimentos, lembremos as mobilizações contra a LOU ou Paris. Nom é facil controlar milhares de estudantes que saem as ruas exigindo um ensino público, de qualidade, gratuito, nom patriarcal, em galego... É muito mais fácil para o Estado Espanhol evitar que se chegue a esse ponto cortando o problema de raiz.

## 2.O verdadeiro “bullying”

### 2.a Definição de “bullying”

Mas embora seja evidente que a gravidade deste problema nom é tal e qual a descrevem as instituições e os meios vamos explicar aqui este termo e as suas formas de manifestação em várias áreas da sociedade já que contrariamente ao que nos querem fazer pensar nom se da só no ensino. E já que as autoridades tenhem tanto interesse em que saibamos deste termo vamos informar-nos do verdadeiro significado deste.

Temos que delimitar muito bem o termo violência. Por um lado está a física, que costuma ser a mais gritante, mas também há violência psicológica, simbólica, etc. Outra necessária diferenciação da violência que há que fazer é distinguir entre a que se produz de um modo horizontal (entre iguais) ou a que se dá verticalmente, sendo possível do alunado face aos e às docentes que é a mais recalcada polos meios ou a que se dá em sentido inverso, mas curiosamente, parece que desapareceu todo o autoritarismo, castigos físicos, discriminação... que vinha exercendo o professorado do seu posto privilegiado no topo da hierarquia escolar.

Definição:

O **bullying** é um termo de origem inglesa utilizado para descrever actos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objectivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender.

Caracterização do *bullying*:

No uso coloquial entre falantes de língua inglesa, *bullying* é usado com maior frequência para descrever uma forma de assédio perpetrado por alguém que está, de alguma forma, em condição de exercer o seu poder sobre alguém



ou sobre um grupo mais fraco.

Estudiosos aceitam geralmente que o *bullying* contém três elementos essenciais:

- o comportamento é agressivo e negativo
- o comportamento é executado repetidamente
- o comportamento ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas

O *bullying* divide-se em duas categorias:

- *bullying* directo
- *bullying* indirecto, também conhecido como agressor social

O *bullying* directo é a forma mais comum entre os agressores (*bullies*) masculinos.

A agressor social ou *bullying* indirecto é a forma mais comum em *bullies* do sexo feminino e crianças pequenas, e é caracterizada por forçar a vítima ao isolamento social. Este isolamento é obtido através de uma vasta variedade de técnicas, que incluem:

- espalhar rumores
- recusa em se socializar com a vítima
- intimidar outras pessoas que desejam socializar-se com a vítima
- criticar o modo de vestir ou outros aspectos socialmente significativos (incluindo a raça da vítima, situação económica familiar, opção sexual, religião, incapacidades etc).

O *bullying* pode ocorrer em situações envolvendo a escola ou faculdade/universidade, o local de trabalho, os vizinhos.... Qualquer que seja a situação, a estrutura de poder é tipicamente evidente entre o agressor (*bully*) e a vítima. Para aqueles fora do relacionamento, parece que o poder do agressor depende somente da percepção da vítima, que parece estar por demais intimidada para oferecer alguma resistência. Todavia, a vítima geralmente tem motivos para temer o agressor, devido às ameaças ou concretizações de violência física/sexual, ou perda dos meios de subsistência.

### **Características dos bullies**

Pesquisas indicam que adultos agressores têm personalidades autoritárias, combinadas com uma forte necessidade de controlar ou dominar. Também tem sido sugerido que um déficit em habilidades sociais e um ponto de vista preconceituoso sobre subordinados podem ser factores de risco em particular.

Estudos adicionais têm mostrado que enquanto inveja e ressentimento podem ser motivos para a prática do *bullying*, ao contrário da crença popular, há pouca evidência que sugira que os bullies sofram de qualquer déficit de auto-estima

Outros pesquisadores também identificaram a rapidez em se enraivecem e usar a força, em acréscimo a comportamentos agressivos, o acto de encarar as acções de outros como hostis, a preocupação com a auto-imagem e o empenho em acções obsessivas ou rígidas.

É frequentemente sugerido que os comportamentos agressivos têm a sua origem na infância:

O *bullying* não envolve necessariamente criminalidade ou violência. Por exemplo, o *bullying* frequentemente funciona através de abuso psicológico ou verbal.

### **Tipos de bullying**

Os bullies usam principalmente uma combinação de intimidação e humilhação para atormentar os outros. Abaixo, alguns exemplos das técnicas de *bullying*:

- Insultar a vítima; acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada.
- Ataques físicos repetidos contra uma pessoa, seja contra o corpo dela ou propriedade.
- Interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas etc, danificando-os ou fazendo brincadeiras.
- Espalhar rumores negativos e bisbilhotices sobre a vítima.
- Depreciar a vítima sem qualquer motivo.



- Fazer com que a vítima faça o que ela nom quer, valendo-se de ameaças para se assegurar que a vítima seguirá as ordens.
- Colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, umha autoridade), ou conseguir umha acção disciplinar contra a vítima, por acto que ela nom cometeu ou que foi exagerado polo *bully*.
- Fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa (particularmente a mae), sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religiom, raça, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade depreendida da qual o *bully* saiba.
- Isolamento social da vítima.
- Usar as tecnologias de informação para praticar o *cyberbullying* (criar páginas falsas sobre a vítima em sites de relacionamento etc).
- Chantagem.
- Expressions ameaçadoras.
- Grafitagem depreciativa
- Usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora) enquanto assegura o controlo e a posição em relação à vítima (isto ocorre com frequência logo após o *bully* avaliar que a pessoa é umha “vítima perfeita”).

## Alguns exemplos de *Bullying*.

### Em política

O *bullying* entre países ocorre quando um país decide impor sua vontade a outro. Isto é feito normalmente com o uso de força militar, a ameaça de que ajuda e doações nom serám entregues a um país menor ou nom permitir que o país menor se associe a umha organização de comércio.

### O caso militar

Em 2000 o Ministério da Defesa (MOD) do Reino Unido definiu o *bullying* como : “...o uso de força física ou abuso de autoridade para intimidar ou vitimizar outros, ou para infligir castigos ilícitos”.

Todavia, é afirmado que o *bullying* militar ainda está protegido contra investigações abertas.

Alguns argumentam que tal comportamento deveria ser permitido por causa de um consenso académico generalizado de que a “soldadesca” é diferente das outras ocupações. Dos soldados se espera que estejam preparados para arriscarem suas vidas, e alguns acreditam que o seu treinamento deveria desenvolver a força do corpo e do espírito para aceitar isto.<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>

Em alguns países, rituais humilhantes entre os recrutas tenhem sido tolerados e mesmo exaltados como um “rito de passagem” que constrói o carácter e a resistência; enquanto em outros, o *bullying* sistemático dos postos inferiores, jovens ou recrutas mais fracos pode na verdade ser encorajado pola política militar, seja tacitamente ou abertamente .

### Alcunhas pejorativas (dar nomes)

Normalmente, uma alcunha é dada a alguém por um amigo, devido a uma característica única dele. Em alguns casos, a concessom é feita por uma característica que a vítima nom quer que seja alardeada, tal como uma verruga ou forma obscura em alguma parte do corpo. Em casos extremos, professores podem ajudar a popularizá-la, mas isto é geralmente percebido como inofensivo ou o golpe é subtil demais para ser reconhecido.

### Nas Escolas

Em escolas, o *bullying* pode acontecer em praticamente qualquer parte, dentro ou em torno do prédio da escola.

O *bullying* nas escolas (ou em outras instituições superiores de ensino) pode também assumir, por exemplo, a forma de avaliações abaixo da média, segregação de estudantes, para proteger a reputação de umha instituição de ensino.... Isto é feito para que os seus programas e códigos internos de conduta nunca sejam questionados, e que os pais (que geralmente pagam as taxas), sejam levados a acreditar que os seus filhos som incapazes de lidar com o curso.

### Efeitos do *bullying*

O *bullying* persistente pode ter uma série de efeitos num indivíduo, e no ambiente onde o *bullying* ocorre.



Efeitos sobre o indivíduo incluem:

- Depressão Reactiva, uma forma de depressão clínica causada por eventos exógenos
- Estresse de desordem pós-traumática
- Tornar-se também um agressor
- Ansiedade
- Problemas gástricos
- Dores não-especificadas
- Perda de auto-estima
- Medo de expressar emoções
- Problemas de relacionamento
- Abuso de drogas e álcool
- Auto-mutilação
- Suicídio (também conhecido como *bullycídio*)

Efeitos sobre a vida laboral (tal como um local de trabalho):

- Perda de moral
- Níveis elevados de faltas por depressão, ansiedade e dor nas costas
- Queda de produtividade e lucro
- Altos níveis de rotatividade de pessoal
- Perda de clientes
- Má reputação no meio empresarial

Ações judiciais:

- contra a organização por injúria pessoal
- contra a organização e o agressor sob o império das leis anti-discriminação

Efeitos numa escola incluem:

- Níveis elevados de evasão escolar
- Desrespeito pelos professores
- Alto nível de faltas por males menores
- Porte de arma por parte de crianças visando proteção

Ações judiciais:

- contra a escola ou autoridade responsável pela área educacional
- contra a família do agressor.

Como vemos este termo também utilizado pela imprensa é muito mais amplo que o que nos querem fazer acreditar, já que não se limita ao âmbito do ensino público nem é só praticado pelo estudentado e além disto também vemos que não é um fenómeno novo.

Para nós nas aulas há muitos casos de discriminação e de violência que não são tratados pelos meios, dois claros exemplos de isto são os dois apartados seguintes, o 2.b e o 2.c:

## **2.b Violência machista nas aulas**

Para começarmos temos que ter em conta o facto de que o sexismo na escola é difícil de detectar devido a que: maioritariamente os seus indicadores são invisíveis, dá-se numa escola que se define como neutra, responde a comportamentos aprendidos socialmente, rotineiros e portanto inconscientes sendo inclusive as próprias alunas e professoras as reprodutoras, mistura-se com outros factores de classe, cultura, etnia... mais evidentes.

Também queremos deixar evidência de que a situação que se dá na aula mista tem os seguintes traços de violência machista entre outros:

1. As atitudes, conteúdos e valores são de tendência masculina.
2. Maior protagonismo e participação dos rapazes
3. Estes suportam mal o protagonismo das raparigas
4. Invisibilização da mulher nos conteúdos educativos
5. A relação docente-alunos reproduz a norma social dominante



6. Os livros de texto e demais material escolar reproduzem a divisão social do trabalho.

7. A organização escolar tem um maior número de homens nos postos de responsabilidade agudizando-se isto a medida que avançamos no ensino chegando ao máximo na universidade.

Som preocupantes certas conclusões que se tiram facilmente das mesmas estatísticas que tratam o tema de assédio escolar e som as seguintes:

Estrato do informe do Defensor del Pueblo sobre violência escolar:

“A partir de los datos hallados puede concluirse que el maltrato es un fenómeno fundamentalmente masculino. Los chicos agreden y sufren mayor número de agresiones que las chicas, sean del tipo que sean, con una excepción: La conducta de hablar mal de otros se da más entre las chicas, ya sea como víctimas o agresoras, y también la presencian más como testigos de lo que ocurre a su alrededor.”

Isto, do nosso ponto de vista é um sintoma claro da reprodução dos papéis sociais de género que tem lugar na educação.

Contudo, as raparigas têm bons rendimentos académicos, mas têm problemas de auto-estima, de reconhecimento, de valorização do seu. Na escola, as alunas têm um tratamento secundário e recebem menos atenção, interiorizam o seu papel secundário na sociedade, sendo muito importante os modelos de mulheres em papéis distintos aos tradicionais (com o que isto tem às vezes de contraditório, na medida em que podem ser referentes as mulheres triunfadoras, e em certa medida com assunção de valores masculinos).

## 2.c Racismo nas aulas

O responsável do *Centro Reina Sofía para el estudio de la Violencia*, José Sanmartín, ( que em declarações públicas advoga por uma revisão do status do professorado para dotá-lo de maior capacidade de acção e sanção nos casos de violência e desobediência nas aulas defendendo também a disciplina, porque sem ela “nem há nada”) destaca que é falso o tópico que aponta que ser imigrante é um factor de risco de comportamento agressivo na escola. Assim o explicou na apresentação do estudo “*Violencia entre compañeros en la escuela*”, durante a nona reunião internacional sobre biologia e sociologia da violência celebrada em Valência (El País, 10/10/05), mas os escolares imigrantes sofrem em muita maior medida a violência nas aulas segundo vários estudos. Estes estudos de “Charo Díaz Yubero”, directora geral da área educativa da “Fundación Hogar del Empleado” e “Álvaro Marchesi”, assessor do “Instituto de Evaluación y Asesoramiento Educativo (Idea)” dizem que só a metade do alunado de secundário e bacharelato aceita a presença de imigrantes ao seu lado; e 15% rejeita-o por inteiro.

Além disto consente-se que as crianças com algum tipo de deficiência sejam escolarizadas em exclusiva na pública, dado que os centros privados concertados (em 70% som religiosos) se negam a sua matrícula com todo o tipo de excusas. Onde fica a caridade cristã? O mesmo pode dizer-se das crianças imigrantes, escolarizadas em 90% em centros públicos porque os centros privados se negam a inscrevê-los com todo o tipo de obstáculos. Isso sim, a principal comunidade estrangeira nos centros públicos do Estado Espanhol é a marroquina (8.450) e na privada concertada a do Reino Unido (600). Que curioso, há imigrantes de primeira e de segunda.

Assim que nem é de estranhar que o alunado imigrante (os de segunda classe) sofra um maior grau de assédio escolar. Lembremos que o comportamento das crianças na comunidade escolar é um reflexo dos comportamentos sociais que vão assumindo na família, televisom...

## 2.d Homofobia nas aulas

Em um estudo sobre violência cara jovens gays e lésbicas de 500 adolescentes o 40% afirmou que sofrira alguma forma de agressão física, com 46% de estas agressões causadas pela sua orientação homossexual, e um 61% dentro do âmbito familiar.

Estas investigações evidenciam a violência exercida cara jovens nas ruas, escolas e nas universidades, cujos agressores eram maioritariamente os companheiros de estudos, e inclusive os próprios educadores. Além do impacto que provoca a violência, os dados existentes mostram empiricamente que a discriminação e o estigma social e escolar afectam negativamente na saúde mental da juventude LGBC.





### 3. A educação: ferramenta de reprodução ideológica da classe dominante

É impossível fazer umha análise do “fenómeno” sem acudir a fazer umha análise sobre o sistema que o sustenta, mas a palavra sistema deve ser entendida em sentido amplo, sendo também sinónimo de comportamentos, valores e percepções sociais. A escola é umha instituição socializadora, se calhar junto com a família e os meios de comunicação, resultam os três alicerces fundamentais das crianças a dia de hoje. É simplesmente absurdo o facto de considerar que nom se produz um processo comunicativo bidireccional entre a sociedade e a escola, quer dizer, é falso pensar que a escola é um terreno neutral que se vê contaminado pola maneira de proceder que se dá fora dela. Se há violência nas aulas, há violência fora delas e vice-versa. Vivemos numha sociedade onde o cume da pirâmide está presidido por valores tais como a competitividade, o êxito, o culto ao corpo etc..., onde todas aquelas e aqueles que nom cumprirem esse tópico som afastados, mas nom apenas nas aulas, mas de qualquer outra esfera pública.

Isto quer dizer também que se tivermos um outro tipo de estrutura social teríamos um outro tipo de educação, vamos experimentar um exemplo:

Educação na União Soviética:

“Numha sociedade sem classes, é dizer, em umha sociedade fraternal de produtores que trabalham conforme a um plano, a escola nom pode ser já nem a precária escola elementar nem a fechada escola superior. Para formar os operários conscientes de umha sociedade em que as relações de domínio e submissão desaparecem é preciso criar umha escola que fixe com extraordinária precisom o propósito imediato que lhe corresponde”

“As crianças das operárias e operários e das camponesas e camponeses russos já nom vam à escola para “subtrair-se” da sua classe social e adquirir a mentalidade da classe inimiga; vam para unir-se à vanguarda consciente do proletariado e para acelerar de tal modo a constituição do socialismo”

“...a escola... activa também a propaganda a favor do plano quinquenal, denuncia os preguiçosos e os sabotadores, organiza campanhas a favor da boa conservação do material e das máquinas. Este laço entre as escolas com as fábricas realiza-se também nas campanhas...” (Aníbal Ponce, Educação e luta de classes)

Além de isto gostava de lançar duas reflexões finais que se calhar podem ser interessantes para abrir um debate:

a. O escolar nom é emissor de violência, é receptor. Temos umha sociedade profundamente injusta, economicamente caótica que golpeia com o canto de sireias do consumo, do racismo, do machismo, da competitividade, do espanholismo... polo qual nom é de estranhar que as crianças criadas no berço deste estado autoritarista desenvolvam comportamentos dentro de este quadro.

b. O escolar nom nasce violento, aprende-se. O estudo do genoma humano demonstrará que o delinquente nom nasce por geração espontânea, nem por aberração genética. E isto nom está interiorizado. Quando é detido um violador, muitas pessoas expressam: Nom tem rosto de violador! Do mesmo jeito se os escolares tenham comportamentos violentos é evidente que estes nom som inatos se nom adquiridos socialmente.

c. Acreditar que com pequenos retoques na educação poderia mudar-se a sociedade é umha esperança absurda e umha utopia reaccionária. Por isto todas as pessoas que acreditam que pôr um policia na porta de cada escola vai dar cabo da violência que existe hoje em dia na sociedade cometem um grave erro de fundo.



### **Bibliografía:**

<http://www.agir-galiza.org>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>  
<http://www.rebellion.org>  
<http://firgoa.usc.es>  
<http://elpais.com>

Boletins de opinión do CIS.

“Educación y lucha de clases” Anibal Ponce.

“ Informe del defensor del pueblo sobre violencia escolar”

“Informe Pisa, 2003”

“ Aspectos psicossociales de la violencia juvenil”

“Revista galega de pensamento feminista, nº 10, decembro 1994”

“¿CUESTIONA A ESCOLA OS ROLES DE XÉNERO? ALGUNHAS REFLEXIÓNS SOBRE A SITUACIÓN ACTUAL” palestra de Ramona Barrio Rodríguez, profesora do IES As Fontinhas.